

DOCÊNCIA NÃO É BICO

Luiz Carlos dos Santos

Uma matéria publicada, na segunda-feira, dia 30 do mês de maio do ano próximo passado, ganhou uma interpretação exagerada e um tanto quanto errônea na *web*. A edição do veículo gratuito, em Campinas (SP), deu ênfase a uma reportagem intitulada “Professores e garçons estão entre os bicos mais procurados”.

Trata-se de uma matéria decorrente de uma enquete realizada pelo sítio eletrônico “Bicos”, especializado em divulgar oferta de vagas de trabalhos temporários, no caso específico, professores particulares - aqueles que disponibilizam tempo de sua jornada diária para aulas de reforço; portanto, não se estende à docência como um todo.

Mas, diversos internautas se revoltaram, acreditando ser uma interpretação, no mínimo, equivocada, pois estava estampada enquanto manchete de jornal.

Seria inadmissível conceber, em um país que quer desenvolver uma educação de qualidade, ter profissionais que usem dela como um “bico” ou “quebra galho”.

Admite-se que a crise afetou a todos, e que muitos resolveram ampliar a sua receita com recursos extras. Os professores também não estão excluídos deste cenário sombrio; muito pelo contrário, com salários aviltados, lançam mão do instituto de aulas de caráter de reforço, outrora denominada de “banca”.

Contudo, cabe ressaltar que o compromisso do professor efetivo ou substituto, em todos os graus, jamais poderá afetar o bom desempenho em sala de aula, em detrimento de recursos extras, para atender ao orçamento familiar.

É sabido que, por falta de dispositivo legal na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), que determine a quantidade de vínculos empregatícios do cargo de professor com Instituições Particulares de Educação, inclusive as confessionais, resulta em alguns casos, do professor iniciar suas atividades às 7 horas em um determinado estabelecimento; às 10H30 já estar em outra Instituição; no turno vespertino, em outra entidade; e, por incrível que pareça, esse mesmo professor também trabalha na função docente no turno noturno. Como se não bastasse, aos sábados, às vezes (manhã e tarde), e domingo, pela manhã, assume, ainda, o compromisso de ministrar aulas de disciplina, integrante de Matriz Curricular de curso de pós-graduação *lato sensu* ou em cursinhos preparatórios para concurso.

Nesse caso, ainda que minoria, indaga-se: qual o compromisso das Instituições, Estabelecimentos ou Entidades com a excelência do ensino, contratando e mantendo

“profissionais do bico” ou “dadeiros de aula”?

Frise-se, também, que existem profissionais admitidos em cargos técnico-científicos e encontram-se cumulativamente na docência, ficando esta relegada a algo secundário, ou, simplesmente usam as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) como instrumento de “bengala” para suas aulas questionáveis, porque ficaram atarefados em seu principal trabalho, fazendo uso de apresentações de terceiros capturados na internet e estas aulas se resumem em uma simples leitura de *slides*, considerados dessa forma como aula ministrada. Infere-se dessa maneira, que estes professores não tiveram tempo de preparar um conteúdo coerente com o que está proposto em seu Plano de Aula.

Ratifique-se que as instituições que estiverem sendo coniventes com esta situação, haverá pessoa fazendo da educação um bico. Não serão professores nem muito menos educadores!

A fim de reforçar esse entendimento, traz-se a pérola de Wolmer Ricardo Tavares (2016, p. 1):

Representamos uma das classes de profissionais completos, pois são centenas de horas de estudo, especializações, reciclagens e aperfeiçoamentos, tudo isso para se oferecer uma educação de qualidade e protagônica, visto que o professor não é apenas o profissional que domina o conteúdo, mas também, desenvolve uma habilidade quanto ao relacionamento com as pessoas, não se resumindo apenas em um transferir conhecimento.

Assente-se que o professor precisa de uma qualificação que seja justificada quanto a discussão do objeto no contexto. Não é um simples ensinar, é um ensinar contextualizado com a realidade de seu educando.

Ainda de acordo com Tavares (2016, p. 2),

Nós professores somos profissionais intelectualizados e também com uma *intelligentsia*, que compreende as carreiras que produzem saber, ideias, formas e concepções. O professor trabalha a educação como um processo psicológico e sociológico indissolúvel no qual, desenvolve a autonomia do seu aluno e não se limita apenas a um mero processo de ensino.

Depreende-se da assertiva que o verdadeiro profissional da educação não vê o ato docente como um bico, ele sabe que toda educação implica em uma ação, e ela não é neutra. Ela tem a função de suscitar e desenvolver no educando estados morais e intelectuais que lhes darão subsídios para o enfrentamento da sua realidade e a sua mudança necessária, fazendo-se valer de sua cidadania e protagonismo.

Pe. José Ivan Pimenta Teófilo em "as bem-aventuranças do Educador", o professor tem consciência do conflito social e toma partido pelo projeto social dos empobrecidos, pois sabe que estes contribuirão para transformação da sociedade.

Acresça-se que o professor tem habilidades e atitudes em articular o saber científico com o senso comum, ajudando as classes a se firmarem suas identidades culturais; dialoga com seus alunos resgatando a comunicação pedagógica criadora do processo educativo, com sonho de um futuro mais promissor no qual as pessoas aprenderão por meio das relações sociais com lições de justiça e solidariedade e com ações que representam sementes de uma nova sociedade.

Entende-se que, o professor por excelência, cria entre ele e o educando em formação laços de afetividade, cumplicidade, parceria e dedicação permanente. No mesmo tempo que ensina, o educador também aprende, pois é consciente de que é apenas um facilitador do conhecimento, não detentor deste. Por isso erra e assume que errou para não gerar o mito da infalibilidade, mas aprende com seus erros e acertos. O professor por excelência possui estabilidade emocional, pois precisa lidar com o fator erro, não cabendo, pois, lugar para um processo ensino aprendizagem viciado pelo faz de conta.

Ante o exposto, infere-se que um profissional que faz da docência um bico não tem compromisso consigo mesmo, nem com seus discentes, nem tampouco com as Instituições de Educação, as quais atua. Estranho é constatar, na atualidade, esse tipo de profissional em várias escolas, faculdades, centro universitários e universidades, na medida em que sua ação limita os alunos à mediocridade e ao sofrível - para que as coisas permaneçam no seu *status quo*. As consequências são danosas para as Instituições que os contratam, para a sociedade brasileira e para o alunado.

REFERÊNCIAS

GUARITA, Luzia Alves. **O ato de ensinar**. Porto Alegre: Alvorecer, 2010.

PROFISSÃO de professor é chamada de bico em jornal e revolta internautas; entenda. <<http://www.gazetadopovo.com.br>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

SANTOS, Luiz Carlos dos. **Tópicos sobre Metodologia da Pesquisa Científica, Educação [...]**. Salvador: Quarteto, 2007.

TAVARES, Wolmer Ricardo. **Docência como um Bico**. Disponível em: <www.revistagestaouniversitaria.com.br>. Acesso em: 07 jun. 2016.

TEÓFILO, José Ivan Pimenta. **Bem-Aventuranças do Educador**. Disponível em: <<http://jrenatos.blogspot.com.br>>. Acesso em: 06 jun. 2016.